

36º Encontro Anual da Anpocs

GT15 - Gênero, deslocamentos, militâncias e democracia

**A socialização política de jovens militantes feministas – questões transversais à
militância jovem.**

Simone da Silva Ribeiro Gomes

INTRODUÇÃO

Este trabalho encontra-se inserido no campo da militância feminista, construído a partir de reflexões de uma dissertação cujo tema era um estudo comparativo sobre o engajamento militante de jovens feministas no Rio de Janeiro e em Paris. O estudo, feito com dez militantes nas duas cidades, foi o ponto de partida de reflexões sobre a relação entre a militância feminista juvenil, suas socializações políticas e identidades reivindicadas.

Para tanto, partiu-se do exame das trajetórias juvenis de militantes, pelo exame qualitativo da realização de cinco entrevistas no Rio de Janeiro e cinco em Paris. As dez jovens mulheres¹ entrevistadas tinham entre 19 a 29 anos, contatadas por e-mail ou por telefone, através de indicações de ativistas brasileiras. Na França, as militantes foram encontradas a partir de um grupo de e-mails² e pela indicação de ativistas que tinham contato com o programa no qual foi desenvolvida a pesquisa³. A idade e o engajamento feminista eram os únicos critérios da pesquisa e suas trajetórias de vida foram ouvidas entre Janeiro de 2009 e 2011.

Todas as jovens haviam completado o ensino médio, sendo que três delas tinham um diploma de mestrado e duas estavam realizando o doutorado. Suas situações de moradia variavam: moravam com companheiro(a), ou com seus pais. Seis entre elas somente trabalhavam, enquanto outras quatro conjugavam o trabalho com o estudo.

Atentamos para a complexidade da noção de juventude, tendo em vista que entrevistamos jovens com uma faixa etária variando até dez anos, tendo entre 19 a 29 anos de idade. Para Bourdieu (2002), as divisões etárias possuem um caráter arbitrário, já que os cortes etário e geracional estariam inclusos em relações de poder. Apesar dessa aparente arbitrariedade, tal categorização possui um sentido na Sociologia, sublinhando as transformações de fenômenos específicos em classes de indivíduos.

¹ Para garantir seu anonimato, seus nomes foram trocados.

² Efigies – lista de difusão de informações concernentes a gênero, feminismo e sexualidade, na França.

³ Mestrado em Gênero e Desenvolvimento, na Université Paris 7 – Diderot.

Nos dois países, a faixa etária da juventude difere, pois o INSEE⁴, na França adota a classificação da OMS - Organização Mundial de Saúde: pessoas entre 10 a 24 anos. Já o Brasil utiliza o critério de juventude dos 15 aos 29 anos, que será utilizado no presente estudo.

O presente artigo está dividido em três partes. Na primeira parte discutimos as interseções do movimento feminista nos dois países: Brasil e França, buscando apresentar um panorama do contexto onde se inserem as jovens militantes posteriormente.

Já na segunda parte inicia os resultados obtidos na pesquisa de campo, trabalhando os conceitos de socialização política e centralidade da identidade para a militância. As hipóteses testadas no primeiro estudo, no Rio de Janeiro, apontavam para uma centralidade familiar para o engajamento no movimento social, assim como também foi importante o discurso identitário, e portanto, as questões norteadoras em Paris partiam da confirmação dessas prerrogativas.

Na terceira parte são expostas as principais hipóteses sobre a socialização política de jovens feministas, que incluem a socialização familiar; a importância da figura materna para a militância; o ambiente escolar como um disparador de questionamentos; a militância como uma adesão identitária; entre outras características.

1. Interseções do movimento feminista – o caso brasileiro e o caso francês

No Brasil, segundo Pinto (2003) o movimento feminista possui uma natureza fragmentada e múltipla. Consideraremos, a fim de um recorte recente na pesquisa, sua história a partir da década de 60, período de sua grande voga. A década seguinte teve como pano de fundo a ditadura militar, configurando um cenário particular para as militantes brasileiras, que articulavam-se no exílio, fora do país.

⁴ Instituto Nacional de Estatística e Estudos Econômicos, órgão oficial responsável pela coleta, análise e publicação de dados e informações sobre a economia e a sociedade da França.

A partir daí, verificou-se um paradoxo que acompanha o movimento até os dias atuais, em que pese suas contradições, o mesmo foi encarado como um “sério desvio pequeno-burguês” (Pinto, 2003). É importante constatar, que em detrimento dessa visão, as militantes participaram de movimentos de mulheres, principalmente nos bairros pobres, em busca de melhores condições de vida. Desde a década de 70, observou-se também, uma conexão com a França, pois a existência do Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris, entre 1975 e 1979, foi um importante ponto de encontro para as ativistas exiladas pela ditadura militar.

O movimento feminista, principalmente desde a década de 90, começa a ser alvo de reflexões no âmbito dos novos movimentos sociais. A participação de jovens no mesmo já foi objeto de diversos estudos (Zanneti, 2008; Adrião, 2008), restando averiguar os efeitos e construções da juventude engajada em tal movimento, coisa que o presente estudo busca, com questões transversais a outras militâncias juvenis, como o movimento estudantil, o movimento negro e partidos políticos.

Nos anos 90, o movimento feminista do Rio de Janeiro, contou com a ausência relativa de uma “agenda feminista”, em uma cidade que foi anteriormente anfitriã dos debates nacionais. A década teria contado com uma diminuição das iniciativas militantes e ações espontâneas, indicando uma provável dispersão contemporânea dos movimentos.

Em 2003, no entanto, após o Fórum Social Mundial⁵, representações feministas de todo o Brasil, começaram a se reunir e organizaram-se em torno de suas especificidades enquanto “jovens”. Dois anos depois, São Paulo sediou o 10º Encontro Feminista Latino-americano e do Caribe, contando com uma alta participação de militantes jovens (Adrião, 2008).

Já em Paris, os anos 70 ficaram conhecidos como “*les années mouvement*”, graças ao papel do MLF – Movimento pela Liberação das Mulheres, em um período marcado por sua composição estritamente feminina, já que os homens eram tidos como orientadores da discussão e buscavam o monopólio da palavra. A França foi marcada

⁵ Realizado em Porto Alegre, a primeira edição ocorreu no mês de Janeiro de 2001.

legislativamente pela legalização do aborto em 1975, fruto da mobilização intensa das militantes do país nos anos anteriores.

Já os anos 80 marcaram o advento de governo de esquerda, do presidente François Mitterrand, candidato do PS - Partido Socialista, primeiro a ter uma plataforma manifestamente pró-direitos das mulheres. Segundo Jenson (1995), o governo partilhava das convicções de um “feminismo estatal”, com uma plataforma igualitária: em termos de emprego e em sua ampla divulgação de informações contraceptivas e sobre o aborto.

As feministas tiveram de se reestruturar em Leis de Associação 1901 e a partir da década de 90, Christine Bard lembra que a militância se mobilizou principalmente em eventos, exposições, em detrimento de manifestações. Segundo a historiadora, as militantes viriam principalmente de um meio universitário, mantendo o feminismo aceso nesse meio.

A década de 90 foi marcada por reivindicações de paridade política para mulheres. Além disso, a composição do movimento teve sua média de idade reduzida, em função do surgimento de organizações de jovens militantes, organizados em coletivos, grupos e associações. A década seguinte contou com uma renovação temática, especialmente após 2002, segundo Crettiez e Sommier (2006), com o crescimento da importância de temáticas como a imigração, a militância se organizou em torno das mulheres imigrantes, entre outros temas.

2. Socialização e identidade – questionamentos da juventude militante

A pesquisa realizada verificou que, no Rio de Janeiro, a família foi citada como uma forte influência para a entrada no movimento social, assim como também foi importante o discurso identitário. A partir de tais resultados, nossa questão norteadora em Paris era a observação das eventuais diferenças no engajamento feminista, buscando a confirmação da importância da família na socialização política.

Ao tratarmos de socialização, trabalhamos a partir da perspectiva de Boudon (1992), em que consideramos as relações desenvolvidas por indivíduos ou por grupos, quando se traduzem na formação de um grupo suscetível de funcionar como uma unidade de atividade. No interior de cada grupo, os indivíduos estabeleceriam relações, sendo que uma parte considerável não teria relação direta com os fins do grupo.

Já para Percheron (1995), a socialização seria o produto de todas as experiências dos sujeitos, compreendendo desde os elementos mais visíveis (escola, pais, mídia) e o resultado de coisas aprendidas, mas não necessariamente ensinadas. Dessa forma, buscamos entender como a socialização contribui para a entrada de jovens mulheres no feminismo, principalmente a partir de relações primárias: família, vizinhança, trabalho. Segundo Ion (1997) esses seriam os elementos determinantes para suas inscrições em uma rede e não em outra.

A socialização política, segundo Gaxie (2002), busca considerar as preferências ideológicas e políticas em dado momento, assim como apreender os instrumentos de avaliação e as valorizações, atentando para o que essas valorizações devem às diversas socializações constitutivas da experiência do universo de um indivíduo. O autor prossegue, afirmando que o engajamento associativo conjugaria elementos da socialização familiar e escolar na formação dos anos de juventude que combinariam fatores ideológicos e uma propensão ao ativismo: presença de políticos na família e/ou de familiares interessados em política, pais de profissão docente, entre outros fatores, que verificamos também em nossa pesquisa de campo.

Os anos 80 assistiram a um debate precursor sobre a nova geração militante, particularmente no âmbito da sociologia dos novos movimentos sociais, incluindo uma reflexão sobre o feminismo. A definição de militância, para Loiseau (1996), é a vontade de transformar relações sociais e políticas, realizada de forma coletiva, visando à justiça social. Já para Mayer e Fillieule (2001), a militância seria um processo, entendida a partir de uma disposição de predisposições, assim como da passagem à

ação. Suas formas seriam diferenciadas e adquiridas pelo engajamento, que pode ser múltiplo ao longo da vida.

No que tange à identidade, diferentes correntes do feminismo na França não usam o termo desde a década de 70 e as discussões centradas nessa temática são consideradas arriscadas por aprisionar as militantes em “essencialismos”. Os engajamentos das jovens dificilmente são justificados em tais termos, em oposição ao caso brasileiro, onde tanto em termos organizativos, quanto nas retóricas militantes, a palavra é recorrente.

3. Hipóteses sobre a socialização política de jovens militantes feministas

3.1. A influência da socialização familiar

A família, vetor de socialização primária dos indivíduos, tem sua importância política em diferentes frentes: através da presença de uma herança política; de discussões familiares; do engajamento político dos pais e do ativismo feminista materno. As militantes passariam seus primeiros anos de vida imersas em um período de transmissão e aquisição de conteúdos e papéis fundamentais.

Verificamos que as militantes, caso tenham tido uma trajetória de socialização política desencadeadas na família, viveram em condições que incluem desde o interesse manifesto dos pais pela política, uma unidade familiar nas escolhas políticas a uma comunicação e transmissão dessas aos seus filhos/as.

Segundo Queniert e Jacques (2002), a maioria das feministas tinha o pai ou a mãe engajados no plano político em geral, ou feminista, em particular. Mathieu (2004) sublinha que jovens que cresceram com pais militantes ou altamente interessados por questões políticas, possuíam um forte indicador para seus engajamentos.

Julia (24 anos, Rio de Janeiro), cita a influência parental: *“meu pai é militante em um partido político, minha mãe também esteve em um partido, eles se conheceram no MR-*

8⁶, *mas ela está no movimento feminista já tem um tempo*". Além disso, ela revela: *"meu pai, sempre tinha um tipo...de ficar catucando,"que que você vai fazer? Vai participar de alguma coisa?"*⁶

Observamos outras formas de socialização política, como o fato de crescer em meio a um ambiente de frequentes discussões políticas, como é o caso de Joana (25 anos, Paris), cujas opiniões dos pais eram: *"mais orientados para a esquerda, esquerda PS, são o tipo de gente que vota, apesar de não se engajarem de outras formas, eles discutem muito política"*. Carmen (28 anos, Paris) ressalta os espaços de discussão familiar:

Eu cresci numa família, do lado da minha mãe, onde a gente sempre discutiu política. Minha família conversa bastante, isso é prazeroso pra todo mundo. Uma noite agradável em família é quando conversamos bastante, brigamos um pouco, mas bem, não estamos necessariamente de acordo.

A participação dos pais em partidos de esquerda e em sindicatos foi valorizada, sendo que em Paris as jovens ressaltaram o engajamento de seus pais em associações profissionais como uma forma de militância. Lisa (29 anos, Paris) relata: *"meu pai militou com os trotskistas [...] ele militava na extrema esquerda, foi também sindicalista, na CGT"*⁷. Já Carmen (28 anos, Paris): *"meu pai é esquerdista, foi da época da esquerda de 70, depois ele parou, depois retomou, militou no ATTAC"*⁸. Já no Rio de Janeiro, Julia (24 anos) conta: *"meu pai militava no MR-8 [...] há uns 8 anos ele faz parte do PCR – Partido Comunista Revolucionário"*.

Além disso, a atividade profissional de seus pais era encarada como uma militância, como relata Carmen (28 anos, Paris), seu pai *"milita no nível profissional, ele é*

⁶ O Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR8) é uma organização política de ideologia socialista que participou da luta armada contra a ditadura militar brasileira, surgida em 1964. A organização foi resultado de uma cisão de universitários com o Partido Comunista Brasileiro, atuando em várias ações do movimento estudantil e do início da luta armada, em 1968.

⁷ CGT - *Confédération générale du travail*, é um sindicato francês criado em 1947, considerado a terceira organização sindical em ordem de importância no país.

⁸ ATTAC – Association pour la Taxation des Transactions pour l'Aide aux Citoyens, sindicato criado na França em 1998.

bastante ativo, montou uma coordenação” e sua mãe: “faz parte de uma associação de psicanálise [...] e meu avô militou no partido comunista durante bastante tempo”.

Da mesma maneira, Gisele (28 anos, Paris) conta o engajamento da sua mãe: *“ela não é engajada em um movimento político ou social, mas ela participa de algumas associações que são mais culturais”.* E Lisa (29 anos, Paris): *“minha mãe sempre fez parte de um sindicato, sempre de esquerda. Ela militava quando era jovem [...] militava pelos direitos das assistentes sociais”.*

3.2. A hipótese da influência materna na socialização política

O papel das figuras maternas na socialização política assume diferentes formas, com a ênfase pelas jovens sobre a personalidade dita “forte” de suas mães, ou suas histórias no movimento feminista. Segundo Henneron (2005), haveria uma interiorização de disposições altruístas, que se verificariam de forma não-linear, sobretudo quando as mães que realizam o trabalho doméstico viram contra-modelos para as filhas. Em Paris, Lavigne (22 anos) conta: *“tentei tomar distância desse modelo e refletir sobre o que me nele me afetava tanto, e bem, eu não aceito isso: a mulher que faz tudo, isso não trouxe felicidade pra minha mãe”.* Gisele menciona que sua mãe:

nunca trabalhou, ela não é infeliz, mas mesmo pro meu engajamento feminista, eu fui criada por uma mulher do lar [...] quando eu li Simone de Beauvoir eu comecei a prestar atenção, comecei a olhar as coisas de forma diferente, o fato de que na minha família a maioria das mulheres é do lar (Gisele, 28 ans, Paris).

Observamos, no Rio de Janeiro, a valorização do percurso de vida materno pelas militantes, especialmente caso suas trajetórias tenham se dado em contextos de pobreza. Diana (19 anos, Rio de Janeiro) conta a história materna: *“sempre foi muito*

sofrida, [...] sempre foi muito guerreira, trabalha desde os 11 anos, na casa de madame, tomando conta de criança”. E Elisa (29 anos, Rio de Janeiro) “ela é muito batalhadora, atualmente é funcionária pública, ela trabalhou muito”.

As experiências cotidianas de suas mães foram sublinhadas mesmo que em situações de não-militância, mas de luta por direitos, visto que algumas delas não se reivindicavam como feministas, como para Carmen (28 anos, Paris): *“minha mãe não é militante, já que ela não faz parte de uma organização, mas ela tá sempre pronta a lutar por seus direitos quando precisa”.*

3.3. A importância da instituição escolar

Segundo Percheron (1993), a socialização política na escola se daria em três registros distintos, que podem, todavia, ter seus efeitos sobrepostos: a iniciação a certas formas de participação; a aprendizagem de diferentes relações sociais e o conteúdo do ensino.

No Rio de Janeiro, observamos a presença do primeiro e o terceiro registro. O primeiro contato com a política, sobretudo a partir de greves, manifestações, foi pontuado por Julia (24 anos): *“você passa a ter contato com questões maiores, percebi uma movimentação em prol de alguma coisa, uma mobilização”.*

Já o conteúdo do ensino, foi o objeto da fala de Alice (29 anos) no Rio de Janeiro: *“eu tive aula de filosofia e comecei a questionar uma série de coisas e ver que a realidade que era apresentada pra mim não era a única e quem tá em processo de transformar é você”.*

Em Paris, a escola foi objeto de reflexões por seu papel disparador de engajamentos, sendo que as jovens consagraram bastante tempo aos estudos, enumerando suas razões para o engajamento feminista de uma forma racional. Gisele (28 anos) e Lavigne (22 anos) usaram com frequência o verbo “refletir” antes de se engajar.

Não obstante, o tempo na escola era um impedimento para militar: *“fui admitida na École Normale Supérieure [...] já faz dois anos que eu buscava me engajar nesse movimento, fazer coisas, porque agora eu tenho tempo”* Gisele (28 anos). Para Lavigne: *“Eu tinha vontade de militar, mas não conseguia fazer, não tinha tempo, e*

ainda por cima, no último ano eu me preparava para o concurso de ensino e eu não podia [...] militar não era a minha preocupação naquele momento” (22 anos, Paris).

A vontade foi um indicativo observado, sobretudo no início de suas vidas universitárias, tanto em Paris como no Rio de Janeiro, como Joana (25 anos, Paris): *“quando eu comecei a militar, antes de entrar para uma associação, eu já tinha muita vontade, não sabia o porquê precisamente”*. No Rio de Janeiro, Paula (25 anos) conta que: *“quando eu começo a faculdade, eu já começo o curso dizendo ‘eu quero militar’”*.

3.4. A militância como uma adesão identitária

A identidade é um conceito bastante discutido nas Ciências Humanas, no entanto, suas concepções são distintas. Para Hall (2005) existiria um processo em que o sujeito pós-moderno não possuiria uma identidade fixa ou permanente. Há, nesta perspectiva, uma dissolução da noção de sujeito, portanto, para Hall (1987), a identidade seria uma “celebração móvel”, pois os indivíduos assumiriam diferentes identidades em situações distintas as quais são expostos.

Podemos aferir, a partir de características comuns entre as entrevistadas, diferentes identitárias coletivas, que dependeriam de uma identificação comum, como as militantes negras (os) ou homossexuais, por exemplo. Trabalhamos a partir da perspectiva de que engajamento não pode ser entendido sem considerar o suporte das redes sociais como redes de sociabilidade e de novas identidades, que contribuem para sua eficácia e manutenção.

Segundo Lamoureux (2006) a tradição do feminismo francês, a partir dos anos 90, é crítica às identidades coletivas e políticas identitárias, pois evocaria uma essência dos sujeitos, como consequência das reflexões pós-moderna e *queer*. No Rio de Janeiro a questão da identidade não apareceu nas entrevistas ligados a uma etapa essencialista. As jovens reivindicam-se como “mulheres”, “negras” e “lésbicas”, sem considerarem-se presas nessas identidades, mas sim, autoras de suas posições de sujeito.

Essas jovens, no Rio de Janeiro, têm sua militância estabelecida no seio de ONGs, comumente um local de discursos identitários fortes, muitas vezes associados a uma retórica ligada à obtenção de financiamentos. Para Marijnen (1996), se as feministas estão vinculadas a instituições, seu investimento identitário seria acompanhado de uma relativa profissionalização. Dessa forma, suas ações militantes seriam influenciadas pela formação desses grupos institucionais, que diriam respeito às suas identidades e colocam a sua disposição recursos culturais e simbólicos.

Isso posto, as entrevistadas no Rio de Janeiro vinculadas a ONGs, ressaltavam em suas retóricas elementos de suas identidades, sublinhando suas características de “mulher, negra e lésbica”. Aferimos que tais falas se originavam na necessidade de enfatizar suas condições e na vontade de “marcar um lugar” entre as ONGs feministas.

Segundo Carneiro (2005): *“as mulheres negras possuem uma experiência histórica própria [...] a opressão que elas sofrem já produziu e continua a produzir diferenças qualitativas sobre suas identidades de mulheres”* (p.27). Verificamos essa ênfase retórica no Rio de Janeiro, com as militantes negras enfatizando frequentemente o componente racial como um fator de opressão.

Dessa forma, os discursos de feministas negras contra a opressão de gênero e racial, por uma política feminista e anti-racista, enriqueceriam a discussão tanto na questão racial quanto na questão de gênero. Para Elisa (29 anos, Rio de Janeiro): *“o que me motivou no começo foi minha homossexualidade, depois a questão de gênero [...] depois eu agrego minha experiência enquanto mulher, enquanto mulher lésbica, enquanto mulher lésbica e negra”*.

A experiência de viver em determinados locais estigmatizados pela pobreza também aparece como um fator de opressão, para Diana: *“dentro do Fórum da Juventude Negra a gente discute bastante a questão da identidade, o que quer dizer ser negra, mulher e negra, mulher e negra na Vila Aliança⁹, mulher negra no Brasil”* (19 anos, Rio de Janeiro). E para Alice (29 anos, Rio de Janeiro) *“quem vai ouvir uma jovem, negra, moradora da Baixada Fluminense, que é lá no finalzinho da Baixada Fluminense já quase no interior, filha de faxineira”*.

⁹ Bairro que, apesar de ser oficialmente parte de Bangu, na Zona Oeste do Rio de Janeiro, devido a circunstâncias históricas e culturais, é considerado por muitos como uma favela.

A orientação sexual também aparece como um componente identitário importante para o engajamento feminista. No caso brasileiro, Elisa (29 anos) relata: “*eu nunca tive problema em falar que eu sou homossexual pra ninguém, então tinha muito a ver comigo, a coisa de mostrar a cara*”. Para Joana (25 anos, Paris): “*as duas outras pessoas que criaram a associação comigo são trans também [...] agora está bem ligado à questão da identidade e eu acho que isso vai se diversificar um pouco com o andamento*”.

3.5. As jovens e suas iniciativas em montar seus grupos de militância

Segundo Henneron (2005), entre as razões dadas para as jovens iniciarem seus grupos militantes constaria uma inadequação entre seus modos de militar com os das associações existentes, colocando em cheque a institucionalização das associações e grupos feministas. Observamos nos dois contextos que algumas feministas criaram suas próprias associações e ONGs.

Em Paris, duas jovens começaram suas próprias organizações. Para Carmen (28 anos, Paris), a visão das disputas dentro do feminismo é que a motivou:

[...] o acampamento das jovens feministas, é uma iniciativa ambiciosa e eu espero que dê certo. Eu tenho a impressão de estar em um momento onde eu enxergo as coisas em termos de disputas, estamos sempre em níveis, que níveis vivemos no nosso bairro, família, no movimento internacional, estamos sempre no meio delas, mas pra gente o importante é observar as disputas e ver as respostas. E eu, vi algumas na França, na Europa, na Marcha, e então eu tento fazê-las avançar.

Para Mathieu (2010), tais indicativos de trajetória futura na militância das jovens seriam resultados de suas aspirações políticas, de uma matriz do princípio de construção do

espaço político. As militantes compreenderiam os problemas e disputas através de esquemas de percepção propriamente políticos. Elisa relata: *“divergências dentro do grupo fizeram com que a Ângela me propusesse montar uma organização só para mulheres, aí eu topei, com 20 anos e a gente fundou um grupo de mulheres chamado ‘Felipa de Souza’”* (Rio de Janeiro, 29 anos).

3.6. A militância como uma atividade cotidiana

A militância cotidiana foi recorrente no discurso das jovens nos dois contextos, em detrimento de militar somente na teoria. Para Paula (25 anos, Rio de Janeiro): *“as práticas têm ganhado cada vez um espaço cada vez mais importante pra mim”*. Já Elisa (29 anos) afirma que ser militante feminista no cotidiano permite que ela recuse imposições da sociedade:

Ser feminista pra mim é uma filosofia, não é estar nas organizações, não é estar no movimento social. É o cotidiano na sua vida [...] é até uma militância, mas é uma militância cotidiana, você tem colocar em prática todos os dias, em todos os momentos você enxergar machismos e uma violência e você se colocar contra isso (29 anos, Rio de Janeiro).

Carmen (28 anos, Paris) relata a influência da sua mãe em sua vontade de militar no cotidiano: *“vi ela fazer isso muito, se ela via um acidente na rua, ela ia agir, eu sei que não é todo mundo que faz isso, tem gente que nem mesmo olha. Eu cresci vendo minha mãe olhar, reagir, ajudar, brigar”*.

3.7. A vontade de militar no plural

As militantes entrevistadas participaram em diferentes movimentos sociais, além da militância feminista, sobretudo em associações, ONGs anti-racistas, contra a pobreza, entre outros. Para Mathieu (2004), isso se daria por uma dinâmica própria dos militantes, que engajam-se em diversas causas, dada à conexão entre campos de luta ou a participação em outras associações: *“a militância é, frequentemente, o próprio motor, e sua prática conduz a multiplicação dos engajamentos”* (p.82).

Henneron (2005) afirma que seria particular da militância feminista, a atração de ativistas com uma militância dupla já que já teriam se envolvido em outras causas (partidos políticos, sindicatos) e suas experiências seriam formadas nos movimentos sociais atuais. Nos dois contextos, observamos diferentes justificativas para esse fenômeno, sendo a preocupação com as disputas políticas em esferas distintas relatada por Julia (24 anos, Rio de Janeiro):

O movimento estudantil, dentro da faculdade era o que se aproximava, então eu cheguei a participar de uma eleição com eles e a gente não ganhou. Ai na outra já tava mais pro fim da faculdade tinha acabado de ter um 8 de Março que foi do ano passado, que a gente teve muito conflito mesmo, muito exarcebada, que eu resolvi me afastar mais, ai não participava mais (24 anos, Rio de Janeiro).

Segundo Paula (25 anos, Rio de Janeiro), militante no movimento feminista e em um partido político de esquerda¹⁰, sua multi-militância parece confusa para terceiros:

eu não sou só sindicalista, não sou só militante do movimento popular, não sou só militante do movimento feminista, então quando eu vou para um congresso..aquela parte “de onde você é”, eu nunca sei se eu sou Paula sindicalista, Paula dos movimentos populares..

Já em Paris, Carmen (28 anos), conta como sua reflexão sobre o racismo se deu a partir de um engajamento contra o racismo: *“eu militava contra o racismo e era*

¹⁰ PsoI – Partido Socialismo e Liberdade, partido político brasileiro de esquerda fundado em 2004, originado a partir de dissidências do Partido dos Trabalhadores e do PSTU.

encarregada do desenvolvimento de uma temática que era racismo e sexismo, focado na luta contra as discriminações”.

3.8. As diferentes esferas de vida e as redes militantes

Para Passy e Giugni (2000), as esferas da vida são essenciais para o entendimento da participação política, já que as diferentes esferas que fariam parte da vida dos sujeitos possuem suas próprias dinâmicas e seus lados objetivos e subjetivos. O pertencimento dos indivíduos em um grupo social e as relações que emanam desse comporiam a esfera objetiva, como capturado pelo conceito de rede social. Já o critério subjetivo residiria na percepção que os militantes teriam de sua participação em tais redes.

Para os autores, os militantes teriam uma probabilidade maior de permanecerem envolvidos em seus movimentos sociais, quando sua percepção da militância desenvolvida se conjuga consistentemente às demais esferas de suas vidas. As redes sociais providenciariam aos sujeitos um ambiente de facilidade de recrutamento, assim como criariam uma estrutura de significados sobre o engajamento que os mantém comprometidos com o passar dos anos. Tal estrutura é composta pelas interações dos participantes com redes formais e informais, mas também com eles mesmos.

A esfera militante frequentemente se sobreporia às esferas pessoais e profissionais, como um dado de importante de sua sociabilidade. Se a hierarquia dessas esferas varia durante a trajetória dos militantes, essas são importantes para seus ativismos, sendo que quanto mais estáveis as suas militâncias, maior seu comprometimento com a causa, o que verificamos como uma variável frequente na pesquisa.

De acordo com Merckle (1994), redes são os espaços de relações sociais e suas regularidades, que levam em consideração a formação e transformação dos sujeitos e os efeitos sobre o comportamento dos indivíduos. Já para Duriez e Sawicki (2003) a inserção nas redes sociais coloca os indivíduos em relação com os agentes desmobilizados, o que é comumente citado como um propiciador do engajamento.

Dessa forma, a família, amigos e vizinhos, funcionariam como esferas de socialização e vetores de tomada de contato com organizações ou grupos militantes.

Segundo os autores, engajar-se não é somente agir sobre uma causa, dedicando uma parte do seu tempo, mas também assumir um papel e uma identidade social e inscrever-se num sistema de trocas e obrigações recíprocas. Ao enfatizar a presença de terceiros, as redes militantes se mostram como espaços onde as amizades seriam lugares de distinção de relações eletivas ou de afinidades, daquelas que não o são.

Merckle (1994), também sublinha que apesar de sua aparência livre, privada, onde ninguém prescreve ou sanciona, as escolhas nessas esferas não seriam ao acaso, mas possuem uma relação com a idade, o sexo e a classe social das pessoas. Já Ricci, Blais e Descarries (2008) mencionam o impacto determinante do emprego nas redes de amizade feministas, que podem ser pensadas frente ao seu forte papel na socialização.

Nossa pesquisa observou discursos sobre a importância das redes militantes, de onde as jovens faziam ou fizeram parte em uma determinada etapa da vida. Tais redes funcionariam como um local de sociabilidade, tendo em vista que diversas falas indicavam que a maioria de suas relações sociais era do meio onde militavam. Além disso, as redes eram locais de circulação das causas e oportunidades de empregos, como exposto por Elisa (29 anos, Rio de Janeiro):

é a rede de relacionamentos, cheguei lá através de uma amiga, fui montando redes, fui pra CAMTRA, continuei montando redes, ai fiquei em Felipa em tempo, passei pelo PIM. Criola também foi uma rede, porque na verdade, eu já conhecia Criola fazia tempo, quando eu comecei a trabalhar nas organizações e movimentos sociais.

As relações de amizade e proximidade observadas eram estabelecidas preferencialmente entre militantes. O engajamento militante, pela quantidade de tempo demandada, pode fazer com que os militantes tenham pouco tempo para outras redes de sociabilidade, e, portanto, passem mais tempo entre si. Carmen relata uma vontade

de fazer com que as coisas se conjuguem: *“eu tento fazer com que as coisas se juntem [...] tenho muitos amigos vindos de redes militantes, que eu conheci em ações dos movimentos. Tenho amigos que guardei de antigamente”* (28 anos, Paris).

Já Joana conta a origem de suas amizades, assim como suas atividades que são: *“às vezes militantes, às vezes só lazer, às vezes misturadas [...] tem de tudo, pra associação que criamos, somos três os criadores da associação de audiovisual, e tenho amigos, além disso, que eu já encontrei e que são também vindos de redes de militantes”* (25 anos, Paris).

No Rio de Janeiro, as jovens também relataram suas histórias de amizades quase totalmente estabelecidas nas redes militantes, como Paula: *“eu vivenciei muito a militância, meu ex-marido é da militância, nós nos conhecemos na militância, na DS¹¹, depois fomos pro PSOL. Saímos juntos com os amigos da militância”* (25 anos, Rio de Janeiro).

Observamos em diferentes jovens uma vontade de convencer as pessoas fora dos círculos militantes, em suas famílias e outras redes. A suposta falta de flexibilidade na prática militante também foi verificada, o fato de muitas feministas se articularem somente entre si, em uma realidade considerada como particular por Elisa (29 anos, Rio de Janeiro) e Carmen (28 anos, Paris):

o que acontece é quando você começa a trabalhar em ONG, começa a falar de homofobia, racismo, machismo, você começa a andar em um meio e lugares que é mais difícil de sofrer preconceito. Quem trabalha em ONG vive em um mundinho muito particular, não é um mundo em que as outras pessoas que realmente sofrem preconceito, vivem. Elisa (29 anos).

eu cresci mesmo profissionalmente num meio de esquerda [...] eu nem conheço quem é de direita, apesar de alguns amigos tangenciarem. Não conheço ninguém racista, não abertamente, apesar de ter racismos na minha família também, mas eu não conhecia ninguém abertamente até começar a militar com

¹¹ Democracia Socialista, organização política brasileira que existiu como agrupamento político independente até 1986, quando se transformou em uma ala interna ao Partido dos Trabalhadores.

isso. Eu penso que o meio no qual a gente vive conta bastante na forma como a gente se dá conta das desigualdades. Carmen (28 anos).

Para Mathieu (2004), a vontade de discutir com pessoas fora do meio militante seria uma pré-condição para os períodos de intensa mobilização, dos quais depende o sucesso da militância, principalmente em mobilizar participantes que não pertenceriam a movimentos sociais. O autor frisa que as mobilizações podem falhar caso não envolvam pessoas fora dos círculos ativistas. Para Julia (24 anos):

o movimento feminista tem que caminhar no sentido de ser um movimento de massa. Acredito que tem muitas limitações em um movimento que não vai pras ruas, que não mobiliza outras pessoas, que fica sempre aquele mesmo grupo discutindo aquelas mesmas coisas. Se a gente não conseguir mobilizar o outro lado como a gente vai mobilizar uma estrutura mais fechada (24 anos, Rio de Janeiro).

As jovens em Paris também enfatizam o esforço de conversa e mobilização com pessoas fora dos círculos ativistas. Para Joana (25 anos, Paris): *“me interessa é ser militante no cotidiano, de falar com gente que não tem nada a ver com o meio feminista. Isso me interessa muito, mesmo se é difícil, de não só falar entre a gente”*. E também por Lisa:

[...] é preciso falar com todas as mulheres, principalmente as que moram em Cergy, em Saint Denis¹², etc. Elas precisam entender o que a gente faz, é algo que eu sou obcecada, e todas as reuniões que eu vou eu digo ‘ok, estamos entre a gente, tudo bem, mas é preciso que a gente invente ferramentas de vulgarização pedagógica pra que isso seja acessível a todo mundo, independente de sua bagagem (29 anos, Paris).

¹² Cergy e Saint Denis são distritos da região parisiense cujos índices econômicos são consideravelmente pobres, principalmente em relação à Paris.

Considerações finais

A presente pesquisa buscou demonstrar as singularidades e os contrastes dos engajamentos no movimento feminista de jovens no Rio de Janeiro e em Paris. A partir das retóricas das entrevistadas, observamos características das suas militâncias, que segundo a literatura (Bringel, 2009; Tejerina et al, 2006; Matonti e Poupeau, 2004), seriam comuns a outros engajamentos militantes juvenis.

Dessa forma, observamos histórias frequentes de engajamentos militantes familiares, demonstrando uma cultura política familiar. A maioria das entrevistadas tinha ou o pai ou a mãe engajados no plano político ou feminista, comprovando o forte papel da socialização política no seio da família, com a presença de discussões, engajamento dos pais em partidos políticos, associações profissionais, entre outros.

As principais características das trajetórias das jovens apontaram para suas militâncias como adesões identitárias, com um discurso mais pregnante no Rio de Janeiro do que em Paris, onde o termo identidade é criticado pelo movimento. Já no contexto brasileiro, a temática é freqüente na fala das militantes que se reivindicam “mulheres”, “mulheres negras” e “mulheres negras e lésbicas”.

As trajetórias militantes marcadas por diversos movimentos foram enfatizadas, com participações adicionais em movimentos contra o racismo, contra a pobreza, partidos políticos, entre outros. São frequentes as convergências militantes, como observado por Bringel (2009), com a existência de “identidades secundárias”.

As jovens militantes dos dois contextos também tinham em comum o fato de terem iniciado suas próprias associações e ONGs, principalmente caso houvesse um conflito de idéias com seus grupos feministas anteriores. As redes de militância também foram sublinhadas como importantes para sua socialização política, sua construção e função na vida pessoal e profissional das jovens.

Por ultimo, uma face da socialização política observada diz respeito ao discurso das jovens, nos dois contextos, que menciona uma vontade de mobilizar as pessoas de fora do círculo feminista, oriundos de outras redes das quais elas fazem parte. Tal vontade foi classificada como uma tentativa de convencer pessoas de fora do seu círculo de experiência militante tradicional.

O estudo, no seio das discussões sobre a militância feminista, encarada a partir da teorização dos Novos Movimentos Sociais, buscou contribuir para as reflexões sobre a importância de diferentes elementos da socialização política. Os processos constituintes do *ethos* feminista jovem observados nos dois contextos são comuns a outras formas de militância juvenil, como o movimento estudantil, os movimentos contra o racismo, entre outros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

ADRIAO, Karla Galvão e TONELI, Maria Juracy Filgueiras. Por uma política de acesso aos direitos das mulheres: sujeitos feministas em disputa no contexto brasileiro. *Psicol. Soc.* [online]. 2008, vol.20, n.3, pp. 465-474. ISSN 0102-7182

BOUDON, Raymon. *Tratado de sociologia* – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1992.

BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983 p.173-183, 2002.

BRINGEL, Breno. O futuro anterior: continuidades e rupturas nos movimentos estudantis no Brasil. *Eccos. Revista Científica*, v. 11, p. 97-121, 2009.

CARNEIRO, Sueli. "Mulheres em movimento". *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 117-132, dez. 2005.

CRETTEZ, Xavier e SOMMIER, Isabelle. *La france rebelle; tous les mouvements et acteurs de la contestation*. Editions Michalon, 2006.

DESCARRIES, Francine. "Les études féministes... nouveaux savoirs, nouveaux pouvoirs". *Revue de Groupe Interdisciplinaire d'Étude sur les Femmes*, Bruxelles, Université Libre de Bruxelles, v. 2 Été, 2008.

DURIEZ, Bruno, SAWICKI, Frédéric. Réseaux de sociabilité et adhésion syndicale. Le cas de la CFDT. In: *Politix*. Vol. 16, N°63. Troisième trimestre. pp. 17-51, 2003.

GÓMEZ-RAMÍREZ, Oralia y CRUZ, Veroica Reyes. Las jóvenes y el feminismo: ¿Indiferencia o compromiso? *Estudos Feministas*, Florianópolis, 16(2): 440, maio-agosto, 2008.

HENNERON, Liane. Etre jeune féministe aujourd'hui: les rapports de génération dans le mouvement féministe contemporain, *L'Homme et la Société*, n.158, 2005.

ION, Jacques. *La fin des militants?* L'atelier, 1997.

JENSON, Jane. *François Mitterrand et les Françaises : un rendez-vous manqué*, Paris, Presses de Sciences Po., 1995.

LAMOUREUX, Diane. Y a-t-il une troisième vague féministe ? In : Féminisme(s), Recompositions et mutations. *Cahiers du Genre*, 2006.

LOISEAU, Dominique. *Femmes et militantisme*, Paris, Le Harmattan, 1996.

QUENIART, Anne e JACQUES, Julie. Trajectoires et sens de l'engagement chez les jeunes militantes féministes. *Cahiers de recherche sociologique*. Numéro 37, 2002, p. 105-130, 2002.

MARIJNEN, Anne. Entrée en politique et professionnalisation d'appareil – Les écoles centrales de cadres du parti communiste italien (1945 – 1950), *Politix*, 35, 1996.

MATHIEU, Lilian *Comment lutter ? Sociologie et mouvements sociaux*, Paris, Textuel, 2004.

MATONTI, F. e POUPEAU F., Le capital militant. Essai de définition, *Actes de la recherche en sciences sociales* 2004/ 5, 155, p. 4-11.

MÉRCKLE, Pierre. *Sociologie des réseaux sociaux*. La Découverte, Paris, 2004.

PASSY, Florence e GIUGNI, Marco. Life-Spheres, Networks, and Sustained Participation in Social Movements: A Phenomenological Approach to Political Commitment. *Sociological Forum*, Vol. 15, No. 1, pp. 117-144, 2000.

PERCHERON, Annick. *La socialisation politique*, Paris, Armand Colin, 1993.

SEIDL, Ernesto. Disposições a militar e lógica de investimentos militantes. *Pro-Posições*, Campinas, v. 20, n. 2 (59), p. 21-39, maio/ago, 2009.